Agricultura brasileira — uma visão de médio prazo

MAURO DE REZENDE LOPES
ANTÔNIO SALAZAR PESSOA BRANDÃO

Para onde caminha a agricultura? Esta é uma pergunta muito comum entre os pesquisadores do setor. Nos tempos de abertura, as mudanças que se operam nos setores de produção e nos mercados são tão intensas que dificilmente alguém conseguiria dizer que rumo a agricultura irá tomar sem um exercício de projeção levando em conta um conjunto de fatores de mercado e fatores estruturais.

Este trabalho de projeção é o primeiro de uma série de artigos a serem publicados em *Agroanalysis*. Ele resume um estudo mais amplo, elaborado para a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), denominado *The Dairy and Meat Sectors of Brazil: Recent Policy Changes and Trade Prospects* (Paris, 8 de outubro de 1996). Mais tarde, o estudo foi apresentado em conferência na sede da OCDE.

Em seguida, apresentamos os principais resultados dos exercícios de projeção.

Leite

Há conjunto de fatores que afetaram muito as projeções do consumo, produção e importações de leite. Em primeiro lugar, os preços do leite foram por longo tempo controlados. Recentemente, esse controle foi suspenso, mas o governo ainda acompanha os preços de perto. Não obstante, com a liberalização do comércio, as importações de leite têm crescido significativamente — inclusive de países notoriamente subsidiadores — e, em conseqüência, os preços internos caíram. Entretanto, não houve queda de produção. Pelo contrário, houve um significativo incremento da produção, sobretudo devido a níveis mais elevados de produtividade.

Durante o período 1970-85, o consumo cresceu a uma taxa média anual de 3,8%, enquanto a produção aumentava 3,7%. Durante a década de 70, o nível médio de importações era de 225 milhões de litros. Nos anos 80, havia subido para 634 milhões, e na primeira metade dos anos 90, para 926 milhões.

A tabela 1 mostra as previsões de produção, consumo e importações para o médio prazo (2001). A produção crescerá cerca de 4,4% ao ano nesse período. A uma taxa ainda mais alta que durante o período de observação. Esse incremento se originaria quase inteiramente da produção mais elevada por cabeça (de vaca leiteira), que provavelmente será conseguida por meio de melhoramentos genéticos do rebanho, tendo em vista o crescimento das raças européias entre nossos rebanhos.

O consumo aumentará 3,7% durante esse período, ou seja, menos do que o observado de 1970 até 1995. Um dos fatores dessa queda do crescimento da taxa de consumo consiste no fato de que é pouco provável que o PIB cresça tão rapidamente quanto durante os anos 70. Em conseqüência dessas estimativas da produção e do consumo, depreende-se que as importações declinarão, sendo a média anual das importações de 1996 a 2001 de 792 milhões de litros.

Tabela 1
Leite — projeções de médio prazo
Em milhões de litros

Ano	Produção	Consumo	Importação líquida
1995	17.581	18.761	1.179
1996	18.438	19.463	1.025
1997	19.288	20.194	906
1998	20.142	20.955	812
1999	21.011	21.746	735
2000	21.901	22.568	667
2001	22.818	23.422	604

Fonte: Fibge e Conab.

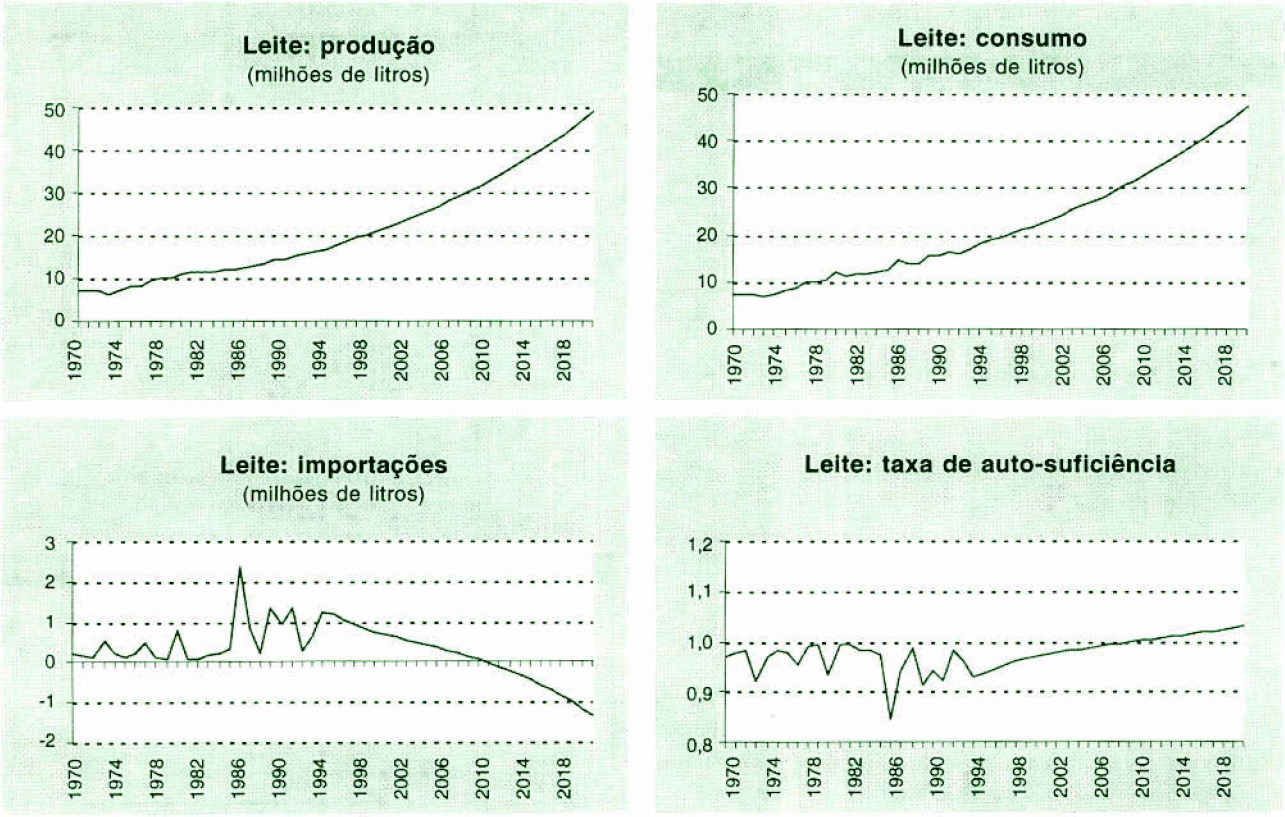
As projeções para o longo prazo (relativamente menos confiáveis), que aparecem no gráfico 1, indicam que, mantidas as tendências atuais de rápido crescimento da eficiência dos rebanhos, como assinalado, o Brasil tem potencial para tornar-se até mesmo um exportador de leite. Nas projeções em questão, isso se dará a partir de 2010. A razão de auto-suficiência — a produção dividida pelo consumo — alcançará 1,03 em 2020.

Em termos de qualificações das projeções feitas, acreditamos que os desafios à vista para o setor leiteiro são consideráveis. Para habilitar-se a alcançar os níveis de produção indicados por essas estimativas, será preciso eliminar numerosas dificuldades. Entre as mais destacadas, notam-se as seguintes:

1. Os cruzamentos de zebu com raças européias são mais produtivos que os de raças originais relativamente *nativas* (desenvolvidas a partir do gir, guzerá e do nelore, desde os anos 60), e também mais adequadas às áreas tropicais do país. Contudo, este rebanho, que representa mais de 2/3 do rebanho leiteiro no Brasil, e que tem vacas produzindo 7 litros diários (compare-se aos 21 a 32 litros das de raças européias), possivelmente não é competitivo no que se refere aos preços internacionais prevalescentes. Algum melhoramento com seleção de vacas e acompanhamento de resultados

Mauro R. Lopes é economista do Centro de Estudos Agrícolas do IBRE/FGV. E-mail: mrlopes@fgv.br
Antônio Salazar Brandão é diretor do IBRE/FGV; professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV; professor da Universidade Santa Úrsula e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: abrandao@fgv.br

Gráfico 1



tem ampliado a produção para 12 a 17 litros diários/médios, um nível ainda difícil de competir com os produtos lácteos importados.

2. O rebanho leiteiro com alto potencial produtivo requer contínuo melhoramento genético, técnicas de gerenciamento atualizadas e aperfeiçoadas, conteúdo energético elevado e crescente na alimentação para a produção de leite, e tudo isso a um nível de custos mantido para permanecer competitivo e enfrentar a competição e os produtos de baixo preço vindos de fora. Poucos criadores podem preencher essas exigências no longo prazo. Há uma reciclagem contínua da tecnologia a cada cinco ou 10 anos, e só um pequeno número de produtores pode vencer esse desafio constante. A pesquisa ainda não conseguiu prestar assistência a esse processo.

3. Em conseqüência, as rações precisam de conteúdo energético sempre maior, o que só pode ser alcançado mediante aumento dos componentes de alimentos à base de grãos e farelos. O Brasil produz grãos a custos acima dos níveis aceitáveis — e os grãos não só não são preparados para a alimentação animal como também o país é dependente deles para o consumo humano. Esta é uma real ameaça ao crescimento da competitividade no que se refere à produção de leite no futuro. Também aqui a pesquisa está longe de ser capaz de fornecer assistência a esse processo de substituição de concentrado e pasto ou cana-de-açúcar por rações melhoradas. A pesquisa de que se dispõe segue ou em uma ou em outra direção.

4. A pesquisa tem conseguido mitigar o problema mencionado. Uma rica mistura de capim, sabugo de milho ou cana-de-açúcar + concentrados + misturas suplementares + aditivos tem produzido resultados excelentes, mas está ainda em fase experimental. Falta ainda bastante tempo para que os criadores adotem e consagrem essas combinações em escala nacional. Nos EUA, as chamadas *full ration* (ou *complete ration*), juntamente com a alta qualificação do trabalho, resolveram os problemas apontados neste texto.

Carne suína

Nas projeções verificou-se que a produção de suínos cresceu à taxa média anual de 3,4% durante o período 1970-95. A taxa de crescimento da produção foi estável, com exceção do período iniciado em 1982 e encerrado em 1989. Este período foi caracterizado por alto grau de instabilidade macroeconômica, com juros marcadamente variáveis no período.

Por que o Brasil vai gerar superávits constantes de carne suína? O que mostram nossos modelos? Em primeiro lugar, o moderno setor de produtores de suínos depende pesadamente da aquisição de insumos caros — e os custos altos e instáveis do capital provavelmente foram um importante fator na explicação do crescimento da produção, porquanto, apesar de caros, estes insumos são de elevada eficiência produtiva. Não obstante, o crescimento recente da produção tem sido descontínuo.

Nossas estimativas indicam que, se nada for feito para dar um "empurrão" no consumo, poderá haver uma queda significativa na taxa de crescimento anual da produção no médio prazo. Esta alcançará 1,586 milhão de toneladas, crescendo a uma taxa anual de 1,7%. O consumo, porém, ficará praticamente estagnado durante esse período. Em conseqüência, as exportações aumentarão significativamente, com média de 126 mil toneladas no período.

Tabela 2

Carne suína — projeções de médio prazo

Em mil toneladas

Ano	Produção	Consumo	Exportação
1995	1.430	1.393	37
1996	1.516	1.477	39
1997	1.465	1.326	138
1998	1.476	1.349	128
1999	1.508	1.372	135
2000	1.545	1.396	149
2001	1.586	1.421	166

Fonte: Fibge e Conab.

As estimativas para prazo mais longo indicam que a produção continuará a crescer mais rapidamente que o consumo (gráfico 2) e o Brasil terminará exportando cerca de 24% da produção (o correspondente a uma relação de auto-suficiência da ordem de 1,32).

Carne bovina

De 1970 a 1995, a produção dessa carne aumentou a uma taxa média anual de 2,8%. Contudo, o período pode ser claramente dividido em dois subperíodos para fins de análise. O primeiro vai de 1970 a 1986, quando a taxa média de crescimento esteve perto de zero. Isso não quer dizer, no entanto, que a produção permaneceu constante de ano para ano.

O que aconteceu foi que, após alcançar um pico em 1977, a produção declinou de modo regular, até chegar em 1986 praticamente ao mesmo nível de 1970. O segundo período mostra crescimento contínuo da produção, com taxa anual média de 7,8%. As exportações não registram qualquer tendência aparente, oscilando (às vezes largamente) de ano para ano em torno de uma média de 214 mil toneladas.

A tabela 3 mostra as estimativas de médio prazo. A produção atinge 4 mil toneladas em 2001, aumentando à taxa média de 1,5%. O consumo no entanto permanecerá aproximadamente constante no período, o que provavelmente irá permitir um incremento significativo das exportações de carne por parte do Brasil. A razão de auto-suficiência terá crescimento de 1,05 em 1995 a 1,2 em 2001. Taxas dessa magnitude para cima só foram alcançadas no começo dos anos 80.

Tabela 3

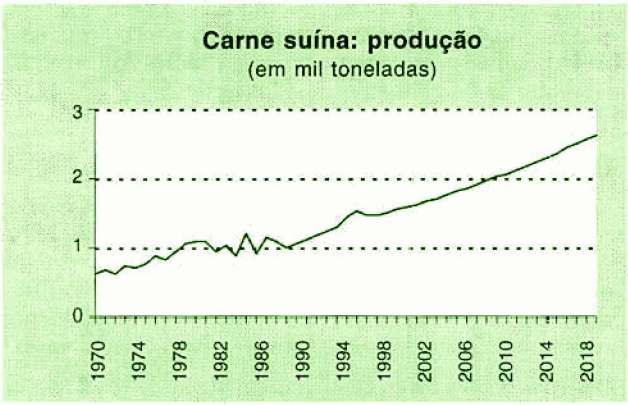
Carne bovina — projeções de médio prazo

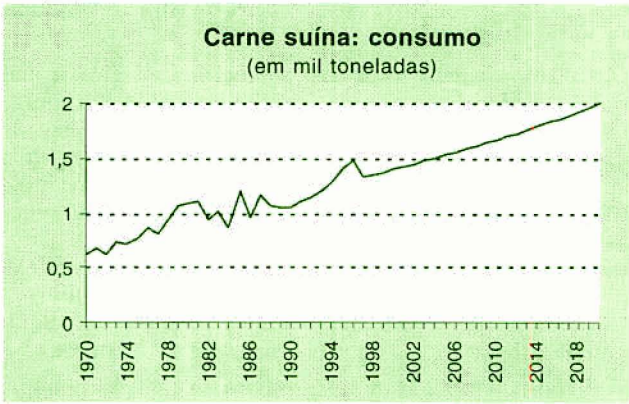
Em mil toneladas

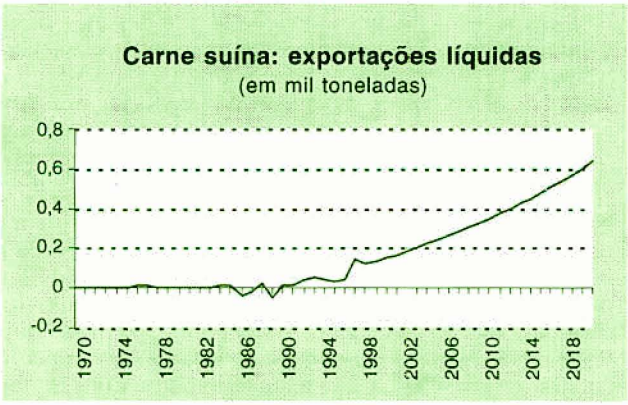
Ano	Produção	Consumo	Exportação líquida
1995	3.703	3.529	174
1996	3.888	3.716	172
1997	3.865	3.046	819
1998	3.851	3.126	726
1999	3.883	3.207	675
2000	3.952	3.291	661
2001	4.046	3.377	669

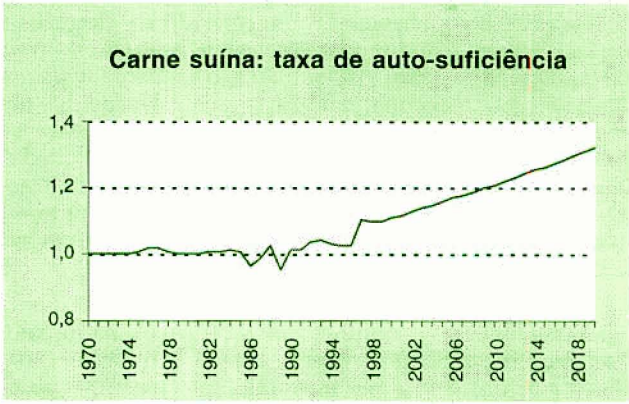
Fonte: Fibge e Conab.

Gráfico 2









As estimativas para o longo prazo estão na gráfico 3. As tendências de longo prazo para produção e exportação são semelhantes às do médio prazo. A despeito do fato de que o consumo se elevará a uma taxa média de cerca de 2,6% após 2001, a auto-suficiência chegará a 1,31, equiparável ao valor de 1984.

Como no caso do leite, esse setor está atrasado quanto ao processo de modernização e, para realizar o potencial indicado nestas projeções, precisará, a nosso juízo, enfrentar desafios como os que se seguem:

1. Um desequilíbrio entre avanço da genética, sanidade dos animais, capacidade de trabalho e instalações nas fazendas, de um lado, e nutrição animal de outro. A alta produtividade dos pastos naturais e tropicais contrasta com o baixo rendimento dos rebanhos de gado no Brasil.

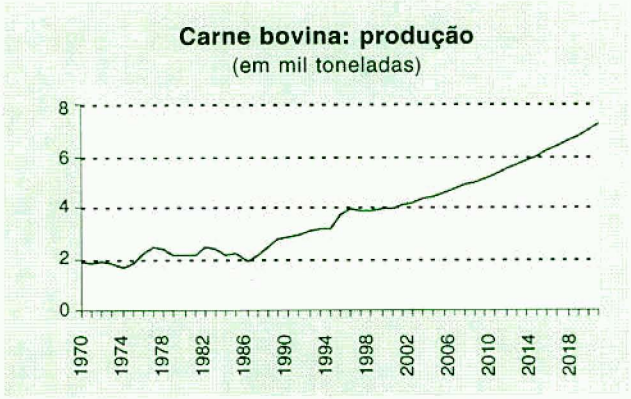
2. Embora o Brasil tenha uma vantagem natural quanto às terras de pastagens em todo o seu território, uma importante restrição a um melhor rendimento do rebanho, em termos de manter e ganhar peso, é o baixo conteúdo protéico dos pastos durante o inverno (período de baixa sazonalidade, quando o gado necessariamente carece de pasto de alto valor nutritivo). Durante a primavera, as limitações são a fibra e o conteúdo energético, além do pasto natural. As pesquisas avançam lentamente na identificação do modo de lidar com essas severas limitações.

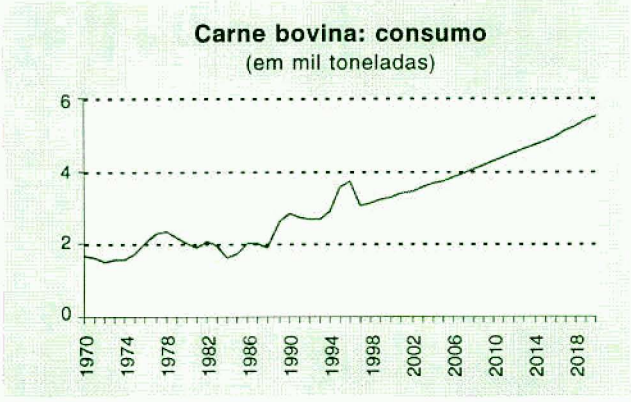
3. No entanto, o uso generalizado de uréia (ou sal proteinado) durante o inverno e o de açúcar de cana (tanto cana como resíduos) durante a primavera trouxe melhora considerável da produtividade. Esse recurso é contudo quase sempre limitado, e as fazendas de gado mais extensas usam muito pouco esses dois "remédios", o que puxa para baixo o desempenho do setor como um todo (numa proporção de 1 e 2 acima e 3 abaixo). Uma melhor taxa de conversão de alimentos está longe de se generalizar. A melhora de peso conseguida à base de alimento suplementar e pré-misturas não está prevista para o futuro próximo, nem em escala nem em todo o país.

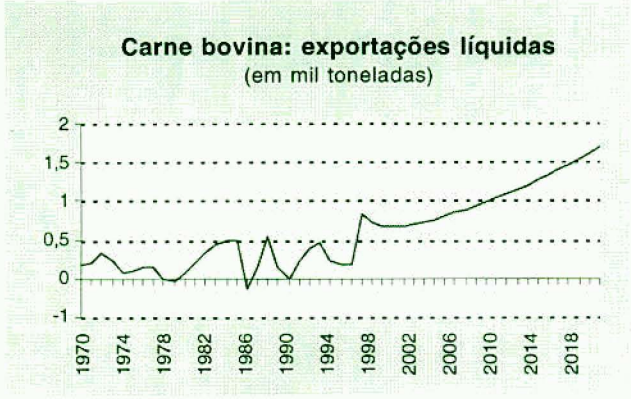
4. Há um pequeno número de estudos econômicos e de nutrição animal sobre a rentabilidade de sistemas alternativos de alimentação, combinação de misturas de alimentos, dimensão econômica do rebanho sob cada sistema etc. Os criadores freqüentemente carecem de qualquer orientação no que diz respeito aos níveis ótimos relativos à combinação de misturas alimentares e tamanho do rebanho, visando ao economicamente saudável e lucrativo. A pesquisa está atrasada nestas áreas críticas da economia agropecuária.

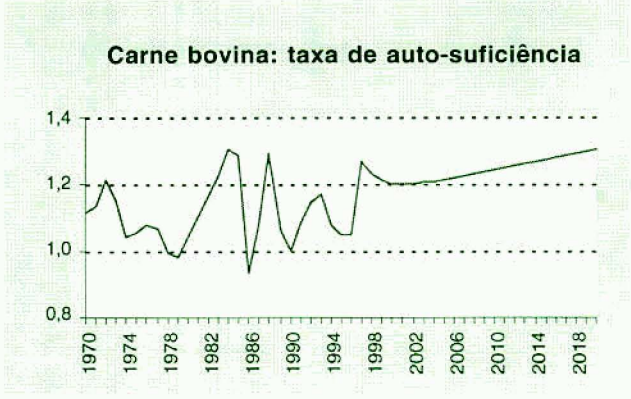
5. Os anos de controle mais forte das importações de carne pertencem ao passado. Com o Mercosul e os mercados desregulamentados para importação, há abundância de carne bovina importada no mercado doméstico. Durante os anos de proteção, o custo era 30% do preço do gado. Hoje, os custos não ficam em menos que 70 ou 80% do preço (nos bons anos de preços relativamente altos). Atualmente, o tamanho ideal do rebanho é absolutamente decisivo. As margens de lucro encolheram e os fatores econômicos marginais fazem grande diferença. Estudos empíricos mostram que o tamanho lucrativo para o rebanho, em economia de escala, na criação extensiva em fazendas, é de 3 mil a 10 mil cabeças — um rebanho imenso para a maioria dos fazendeiros criadores no Brasil, impossível de ser atingido por todos os padrões. Abaixo des-

Gráfico 3









se nível, qualquer afirmação relativa à dimensão econômica do rebanho exige mais pesquisas do que as disponíveis.

Os programas de governo para melhoramento genético, cuidados sanitários e melhora nutricional são desiguais. A ênfase tem sido posta no melhoramento genético. Há pouco a ganhar nesse aspecto com baixos padrões de nutrição animal; o setor chegou a essa conclusão após anos de resultados relativamente modestos. A pesquisa sobre produção e cuidados com o gado requer uma reestruturação imediata. As reformas de que a pesquisa carece são ainda mais severamente necessárias à produção de carne bovina (mais ainda que à produção leiteira). Há um consenso de que a pesquisa é um *input* indispensável ao processo de abertura comercial, já que a competição não se limita a produtos e mercadorias, mas se estende a pesquisa, capacitação para o trabalho, organização, ciência, gerenciamento, logística etc.

Carne de aves

Ocorreu notável crescimento do setor desde 1970. A produção subiu de 217 mil toneladas em 1970 para 4,050 milhões de toneladas em 1995, elevando-se a uma taxa média anual de 12,5%. Ao mesmo tempo, o consumo cresceu 12% e as exportações, de zero a 434 mil toneladas. Em 1995, a taxa de auto-suficiência era de 1,12 e as exportações brasileiras eram de 10,7% da produção.

As projeções de médio prazo (tabela 4) mostram que a produção chegará a 6,552 milhões de toneladas em 2001, crescendo a uma taxa média anual de 8,3%. Essa taxa é um pouco mais baixa que a do período recente, mas ainda assim é bem alta. O consumo continuará a crescer, mas haverá uma redução na taxa de crescimento, a qual, não obstante, permanecerá relativamente elevada: 7,4% ao ano. As exportações continuarão a crescer, chegando a 980 mil toneladas em 2001 — com auto-suficiência de 1,18.

Tabela 4
Carne avícola — projeções de médio prazo
Em mil toneladas

Ano	Produção	Consumo	Exportação líquida
1995	4.050	3.617	434
1996	4.455	3.955	500
1997	4.809	4.204	605
1998	5.193	4.470	723
1999	5.610	4.785	825
2000	6.062	5.153	910
2001	6.552	5.572	980

Fonte: Fibge e Conab.

No longo prazo (gráfico 4), as exportações continuarão a crescer, mas a taxa de auto-suficiência declinará para 1,07.

Por que este resultado tão espetacular? Em primeiro lugar, pela taxa de conversão ração/kg de animal vivo. O frango é uma máquina eficiente. Em segundo, o resultado do frango é a história do sucesso da organização do setor. Apesar da preferência dos consumidores ser pela carne bovina, o frango atende melhor aos interesses dos consumidores.

Gráfico 4

